

CURSO currículos inovadores

oportunidade para as IES
diante da revolução pós-digital

MÓDULO II

A metodologia sob foco

Dentro dessa lógica de buscar oportunidades de inovação curricular, o melhor é concentrar o estudo no núcleo central do Projeto Pedagógico do Curso (PPC), mais especificamente em objetivos do curso, metodologia, perfil do egresso, conteúdos curriculares, contextualização, interdisciplinaridade e flexibilização curricular.

Impactando esses itens, a inovação permeará todo o PPC – que, diga-se de passagem, é o mais importante instrumento da gestão administrativa e acadêmico-pedagógica, posto que é fortemente utilizado por coordenador, Núcleo Docente Estruturante, docentes e discentes do curso e, ainda, por apresentar a definição do perfil do egresso, o que dá a ele a forma de um projeto profissional futuro –, pois nele são definidas as características do profissional que será colocado no mercado de trabalho.

A construção, e até mesmo o realinhamento, de um PPC é um momento de reflexão e traz certa tensão aos responsáveis, além de dúvidas sobre a sua construção, geralmente sobre a existência ou não de normas que exijam modelagem específica.

Apesar de não existirem normas¹ legais para a construção do projeto pedagógico, este deve atender às Diretrizes Curriculares Nacionais do curso e à legislação vigente – em especial, contemplar a previsão de oferta de conteúdos como Língua Brasileira de Sinais (Libras) e aqueles que atendam às Políticas de Educação Ambiental, à Educação das Relações Étnico-Raciais, e Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Há que se atentar, ainda, para as Diretrizes Nacionais para Educação em Direitos Humanos.

Porém, acima de tudo, o PPC deve se prestar aos seus objetivos gerenciais principais: **o delineamento da integralização do curso**. Para tanto, na elaboração

¹ A regulamentação, na verdade, a desregulamentação da construção dos projetos pedagógicos é mencionada no Parecer CNE/CES nº 67/2003, que apresenta os referenciais para as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) dos Cursos de Graduação.

de um PPC deve-se considerar que este é um instrumento que deve trazer a concepção do curso de graduação (filosófica, didático-metodológica) e os fundamentos da gestão acadêmico-pedagógica e administrativa do curso.

De forma a possibilitar a gestão do curso, o PPC deve conter ainda os princípios educacionais que regerão as ações para a condução do processo de ensino-aprendizagem. Logicamente, tudo deve guardar coerência com os princípios norteadores do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) vigente e com a legislação aplicável.

Em suma, o PPC deve contemplar diversos elementos construtivos do curso – entre eles, seus objetivos, suas peculiaridades, a justificativa de oferta, a matriz curricular e a respectiva operacionalização (que inclui a metodologia), a carga horária das atividades didáticas e da integralização do curso, a concepção e a composição das atividades de estágio curricular, a concepção e a composição das atividades complementares, entre outros.

Neste texto, muito além de discutir os elementos constituidores de um PPC, pretende-se observar as oportunidades que a “desregulamentação” possibilita e, muitas vezes, impõe na adoção de modelos curriculares mais modernos e inovadores, partindo da reinvenção de alguns dos principais elementos do projeto.

Mas, antes de abordar tais oportunidades, algumas reflexões precisam ser feitas acerca da função principal do projeto pedagógico, que é a de formar profissionais para atuar no mercado de trabalho, e da forma como esse percurso tem sido trilhado em cursos e instituições brasileiras.

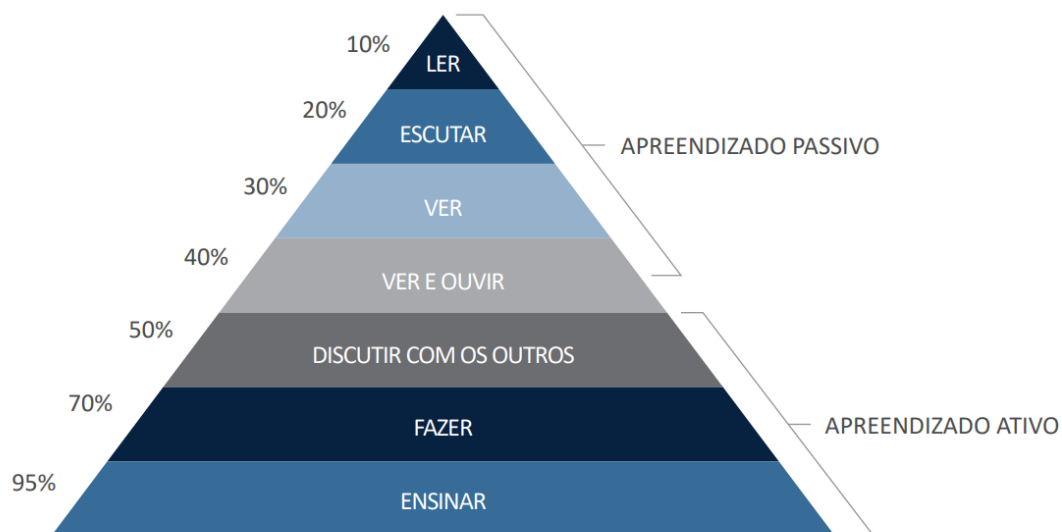
Falar que há necessidade de inovar para atender aos anseios e garantir a atenção das novas gerações é lugar-comum, mas nunca é demais observar que o sistema educacional brasileiro e mundial é muito tradicional, com pouca ou nenhuma mudança significativa nos últimos séculos, ou, para não incorrer em injustiças, com modificações singulares em clusters isolados no mundo. Porém, esse modelo não tem se mostrado tão eficaz, deixando de fora oportunidades e necessidades que não são atendidas justamente pela falta de inovação.

Denomina-se **tradicional** o formato no qual professores, como centro do aprendizado, “transmitem” seu conhecimento – o que tem se mostrado deficiente no alcance do aprendizado significativo e da apreensão do conhecimento.

Glasser (1998) enfatiza que práticas pedagógicas que têm o educando como centro do aprendizado, nas quais são usados o diálogo, o debate, a reprodução, a dramatização, o ensinar e o expor, são, definitivamente, mais eficazes na retenção do conhecimento e no processo de aprendizado.



A figura a seguir, adaptada dos estudos de Glasser, ilustra o quanto cada atividade gera de resultado no sucesso do aprendiz.



Como ilustrado, o método de ensino tradicional, denominado “aprendizado passivo”, é pouco flexível e baseado em metodologias de baixa eficácia, além de não considerar os diferentes níveis de compreensão entre os estudantes. Isso leva à oportunidade de inovar na metodologia do processo de ensino-aprendizagem, trazendo o aluno para o centro do aprendizado, o que significa muito mais do que ativar o modo “metodologias ativas”, que teve seu uso inaugurado em 1910 em cursos de saúde, não sendo propriamente uma unanimidade no quesito inovação.

Considerando que as IES precisam estar preparadas para receber, em grande maioria, representantes das gerações *Millenials* (versão *Young*, atualmente com 18 a 24 anos) e *Z*, elas devem investir na junção cada vez mais intrínseca de tecnologia com educação (a tal revolução digital citada no capítulo anterior), vez que, o primeiro grupo – versão *Young* – vivenciou a revolução da internet e o segundo – a geração *Z* – são os chamados nativos digitais. As características destacadas desses grupos revelam mais do que preferências; revelam um estilo de vida: ávidos por inovação, dispostos a encarar os desafios das transformações e conectados a maior parte do tempo.

Surge, portanto, a oportunidade de as IES, na ausência de uma determinação legal expressa, utilizarem novas metodologias para dinamizar a relação do aluno com seu próprio aprendizado, tornando-o atrativo e, com isso, combatendo dois males: a evasão por desmotivação e a deficiência do aprendizado pelos motivos apresentados anteriormente.



A necessidade de se buscar novas metodologias é tão premente que poderiam ser citadas um sem-número de ferramentas que têm sido desenvolvidas na busca por um aprendizado motivado e significativo, entre as quais: *m-learning* (ou o irmão mais velho, *e-learning*), *nanodegree*, *PITCH*, *design thinking*, *blended learning*, *hands on*, *learning by doing*, *storytelling*.

Pode-se, ainda, lançar mão do uso de recursos tecnológicos que estão disponíveis e apresentam grande aceitação pelos alunos, como *Google For Education*, *Socrative*, *Edmodo* e *QMágico*, além de muitas outras ferramentas gratuitas que estão à disposição de alunos e professores.

Modernizar, reinventar, inovar na metodologia de ensino-aprendizagem talvez provoque a mudança que mais ficará evidente em um curso. Por isso, deve ser feita de forma gradual, planejada e, principalmente, envolvendo e capacitando todos aqueles que participarão de forma ativa no desenvolvimento do curso.

Revisitando os objetivos do curso

As DCNs de alguns cursos são bastante completas, abordando e direcionando diversos itens do currículo do futuro profissional; outras, nem tanto. Mas, indiscutivelmente, elas são guias. Atendendo às exigências e com base nelas, é possível reinventar, visitar e modernizar diversos itens que colaboram para as características do futuro profissional, que precisam estar focadas no desenvolvimento destes, atentas às mais diferentes variáveis e à imprevisibilidade social nas e das carreiras que ainda vão surgir.

Nesse contexto, os **objetivos** do curso são um importante item a ser revisitado e aprimorado.

O objetivo geral deve conter a descrição clara do profissional que será desenvolvido e suas características gerais. Nos objetivos específicos, apresentam-se as fases e os esforços que serão envidados para que se alcance o profissional previsto. Feito isso, estará finalizado o bom e velho “Objetivos do Curso”, tão tradicional nos projetos de ações educacionais.

Mas, o que fazer para que, na soma de esforços do realinhamento do projeto pedagógico, este item some para um conjunto totalmente inovador?

A resposta pode estar justamente no propósito da existência da IES: formar profissionais qualificados. Sendo assim, as instituições precisam estar atentas às qualificações desejáveis aos profissionais no momento em que começarão a atuar no mercado, ou seja, precisam estar com o olhar no futuro.



Segundo o *Relatório de Desenvolvimento Mundial 2019* (Banco Mundial), há habilidades que são cada vez mais importantes nos mercados de trabalho, como as cognitivas avançadas, socioemocionais e habilidades adaptáveis –além, é claro, das habilidades específicas de cada profissão. Pensando nisso, é função das IES formar egressos que tenham habilidades voltadas para as mudanças sociais do mercado de trabalho, pois já passou da hora de se deixar de formar desempregados. O desenvolvimento dessas habilidades requer uma base sólida de capital humano e aprendizagem contínua.

Com o exposto, é possível objetivar o desenvolvimento dessas habilidades e, conseqüentemente, do egresso nos cursos superiores? Certamente. Os objetivos do curso podem ser revisitados de forma que, na execução dos currículos, procure-se adicionalmente:

- Auxiliar o futuro egresso no desenvolvimento do raciocínio de excelência;
- Capacitar os futuros profissionais para o trabalho em equipes multidisciplinares e diversas;
- Auxiliar o aluno no desenvolvimento da autoeficácia; e
- Aprimorar a capacidade de negociação em ambientes sociais e profissionais.

Esses são só alguns dos exemplos de novos objetivos a serem perseguidos para que o profissional formado tenha maiores chances de empregabilidade e sucesso. Logicamente, cada exemplo requer que ações e atividades acadêmicas sejam revistas e/ou implantadas para que os objetivos sejam atingidos.

Perfil do egresso: mercado e futuro profissional

Outro aspecto fascinante das possibilidades de se inovar na construção e reconstrução de currículos é analisar e revisar o perfil do egresso.

Além do atendimento às exigências regulatórias, as IES deveriam se preocupar com a atualidade e a qualidade de seus profissionais, de forma que estes sejam desejados pelo mercado de trabalho. Isso envolve, em primeiro lugar, o desenvolvimento das tão almejadas competências profissionais do futuro, sem esquecer, claro, a formação profissional básica, sólida e atual.

Não se trata de novas profissões, mas de profissões existentes e que deverão atender às constantes mudanças do mercado, aos novos perfis de consumidores, às tecnologias que surgem a cada dia e, principalmente, ao mundo sem fronteiras à disposição de todos. Tudo isso impõe transformações também nos profissionais que as empresas desejam.



Então, para além do conhecimento relacionado estritamente à profissão, precisa-se dotar os formados de outras capacidades requeridas e essenciais, tais como:

Inteligência emocional: um profissional com elevada inteligência emocional controla-se psicologicamente e usa a empatia para solucionar problemas e gerenciar tanto suas próprias emoções quanto as dos outros funcionários. O mais interessante nessa característica é que ela é **mensurável**, ou seja, os alunos podem ser avaliados sobre seu desenvolvimento e atuar para melhorá-la.

Criatividade e inovação: a ferramenta “copiar – colar” será mais desvalorizada a cada dia. **Profissionais que seguem modelos**, que não criam, em breve não terão chances no mercado de trabalho. Apesar de possuírem conceitos distintos, a criatividade e a inovação estão interligadas e devem caminhar juntas no âmbito profissional. Uma linha tênue as separa: a resolutividade, capacidade de agir. Só a ação transforma criatividade em inovação, e o futuro profissional precisará de ambas. Não basta “pensar fora da caixa”; é essencial “praticar fora da caixa”.

Resolutividade: capacidade de agir e resolver. Os profissionais do futuro cada vez mais deverão buscar conhecimentos e, principalmente, usá-los na resolução de problemas, dos mais simples aos mais complexos.

Liderança e gestão de pessoas: recursos humanos são o ativo mais valioso de uma empresa. O mercado cada vez mais busca profissionais capazes de gerir pessoas, que promovam um ambiente de trabalho saudável, que liderem com propriedade, pois times bem geridos apresentam resultados muito melhores.

Conhecimentos tecnológicos e adaptabilidade: o uso massivo da tecnologia é tendência em todos os setores e vai se expandir para a maioria das profissões. Manter-se atualizado tecnologicamente é imperioso. Saber transitar entre as constantes mudanças é imprescindível para o sucesso profissional. Assim, além de se adequar aos novos aspectos e às perspectivas da profissão, o egresso deve sentir-se confortável e estimulado com o mercado dinâmico em constante transformação.

A lista de características desejáveis é longa. Poderiam ser adicionadas outras, como agilidade, equilíbrio, comunicabilidade, capacitação e autoconhecimento. Sim, autoconhecimento. Apesar de antigo, o conceito “Conhece-te a ti mesmo!” (da filosofia socrática) é uma característica cada vez mais necessária no ambiente profissional.

Incluir ou aprimorar tais características no perfil do egresso implicará em adaptar o currículo por meio da inserção de conteúdos e até mesmo de outras metodologias. Isso definitivamente fará diferença, no futuro, ao egresso.



Referência bibliográfica:

XAVIER, Iara de; BOAS, Patrícia Vila Estudos: Revista da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior: Currículos Inovadores: oportunidade para as IES diante da revolução pós-digital. Brasília: ABMES Editora, 2020. Páginas 54 a 60. Disponível em: <https://abmes.org.br/editora/detalhe/110>. Acesso em: jul. 2020

